

Enecult 18 anos: reflexões sobre os itinerários e desafios da gestão do maior evento de estudos em cultura no Brasil¹

Gleise Cristiane Ferreira de Oliveira²

Delmira Nunes³

Renata Rocha⁴

Natalia Coimbra de Sá⁵

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.56055>

Resumo: As análises presentes no texto são parte do itinerário do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Desse modo, buscamos contribuir para o exercício da auto reflexividade na gestão cultural, a partir da construção do maior e mais tradicional evento dedicado aos estudos em cultura do país. Nesse sentido, além de expressar as teorias da cultura que nos provocaram a refletir sobre o Enecult, em suas inter-trans-multidisciplinaridades, nos colocamos em movimento a partir da *escrevivência* sobre os processos que tocam o pensar e gerir este encontro, em especial suas XVII e XVIII edição, com foco em sua programação. Esta escolha metodológica, em consonância com o que propõe Conceição Evaristo, vem sendo progressivamente utilizada como instrumento de construção de conhecimento, considerando que não é possível dissociar o registro do que se vive do que se escreve. Assim, ao tempo em que pesquisamos e produzimos conhecimento sobre a cultura, vivenciamos e refletimos coletivamente sobre este encontro, a partir de nossas singularidades.

Palavras-chave: gestão cultural; escrevivências; Enecult; evento; teoria e prática.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Gleise Cristiane Ferreira de Oliveira. Doutoranda no programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. E-mail: gleise.cultura@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4467-9188>

³ Delmira Nunes. Mestranda no PPGEISU – Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, UFBA, Brasil. E-mail: delmيرانunes@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3206-4266> UFBA,

⁴ Renata Rocha. Doutora em Cultura e Sociedade pela UFBA. Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. E-mail: renataprocha@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-9968-012X> UFBA.

⁵ Natalia Coimbra de Sá. Doutora em Cultura e Sociedade pela UFBA. Professora adjunta no Departamento de Ciências Humanas I, campus Salvador, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil. E-mail: natalia.coimbra@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-9922-6584> UNEB..

Recebido em 30/09/2022, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Enecult 18 años: reflexiones sobre los itinerarios y desafíos de la gestión del mayor evento de estudios en cultura en Brasil

Resumen: Los análisis presentes en el texto forman parte del itinerario del Enecult - Encuentro de Estudios Multidisciplinarios en Cultura - que ocurre anualmente. De esta forma, buscamos contribuir al ejercicio de la autorreflexividad en la gestión cultural, a partir de la construcción del más grande y más tradicional evento dedicado a los estudios culturales en Brasil. En ese sentido, además de expresar las teorías de la cultura que nos incitaron a reflexionar sobre el Enecult, en su intertransdisciplinariedad, nos ponemos en marcha desde el proceso de escritura sobre los procesos que inciden en pensar y gestionar este encuentro, en particular su XVII y XVIII edición, centrándose en su programación. Esta elección metodológica, en línea con lo que propone Conceição Evaristo, ha sido progresivamente utilizada como instrumento para la construcción del conocimiento, considerando que no es posible disociar el registro de lo que se vive de lo que se escribe. Así, al mismo tiempo que investigamos y producimos conocimiento sobre la cultura, experimentamos y reflexionamos colectivamente sobre este encuentro, a partir de nuestras singularidades.

Palabras clave: gestión cultural; *escrevivências*; Enecult; evento; teoría y práctica.

Enecult 18 years: reflections on the itineraries and challenges of the management of the largest event of studies in culture in Brazil

Abstract: In this paper we present part of the itinerary of Enecult - *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, the Annual Meeting of Multidisciplinary Studies in Culture. We seek to contribute to the exercise of self-reflexivity in cultural management, speaking from the experience of promoting the largest and most traditional event dedicated to the studies of culture in Brazil. In this sense, in addition to expressing the theories of culture that inspired us to reflect on Enecult, with its inter-trans-multidisciplinarity, we departure from the *escrevivências* on the processes of imagining and managing this event, especially its XVII and XVIII edition, focusing on its program. This methodological choice, aligned with Conceição Evaristo proposal, has been progressively used as an instrument for the construction of knowledge, considering that it is not possible to dissociate what is lived from what is written. Thus, while we research and produce knowledge about culture, we experience and reflect collectively on this event, based on our singularities.

Keywords: cultural management; *escrevivências*; Enecult; event; theory and practice.

Enecult 18 anos: reflexões sobre os itinerários e desafios da gestão do maior evento de estudos em cultura no Brasil

1. Sobre mapas, guias e sapatos

"Em alguns momentos a sabedoria está em não calçar os sapatos errados"
Lívia Natália (2020, s/p)

Configurando-se como o maior evento de estudos sobre cultura no Brasil, e provavelmente da América Latina, o Encontro de Estudos

Multidisciplinares em Cultura (Enecult) atingiu em 2022 o marco de realização de sua décima oitava edição. O Encontro é realizado pelo Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT) da Universidade Federal da Bahia, com a participação do

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) e da Faculdade de Comunicação (Facom), todos da UFBA.

A reflexão sobre um evento como este pode partir de múltiplos interrogantes e distintas perspectivas. O Enecult vem sendo alvo de pesquisas e estudos, seja como objeto central de investigação, como em Souza (2014) e Rubim, Vieira e Souza (2014), seja como base informacional, em especial no intuito de compreender a produção de conhecimento em áreas como a gestão cultural, como em Ramos (2015), Ramos e Lustosa da Costa (2019), Oliveira (2019); e as políticas culturais, como em Calabre (2014), Vieira *et al.* (2016), Oliveira (2018), Vieira *et al.* (2021) e Rocha *et al.* (2021).

Tal profusão encontra correspondência na temática, porte, persistência e abrangência do Enecult. Desde 2005, o Encontro acontece anualmente de forma ininterrupta, envolvendo o trabalho de professores, servidores, colaboradores e estudantes que atuam de forma

voluntária, além da participação de uma reduzida equipe profissional, contratada de forma temporária. Sob tal perspectiva, e como preparação para o percurso, cabe salientar a atuação implicada das autoras deste texto, em funções e papéis distintos e, ainda, ao longo de diversas edições do Enecult.

Considerando as várias possibilidades de refletir sobre este encontro, apostamos na necessidade de destacar a indissociabilidade entre os papéis ora desempenhados pelas autoras deste texto. Assumimos como ponto de partida que não há distanciamento entre o idealizar, planejar, produzir e gerir o Enecult. A produção deste texto envolve, portanto, para além da reflexão teórico-metodológica, da sistematização de dados do evento e da análise documental, o relato pessoal das autoras, ou “escrevivências”, como define Conceição Evaristo (2020), pois trata-se de um registro da vida cotidiana e memórias recentes que nos permitem contar a história enquanto participantes do momento histórico.

O uso de “escrevivências” tem sido utilizado “como método de

investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada”, como definiram Lissandra Soares e Paula Machado (2017, p. 206): “A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência (...)”. Essa vivência passa pelo individual e avança para um coletivo. Sob tal perspectiva, a adoção do escrever implica contar histórias da intimidade, mas sempre acionar o que pode estar no coletivo.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autora e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. (SOARES; MACHADO, 2017).

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a

minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (...). Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. (EVARISTO, 2020, p. 30-31).

A partir desta perspectiva, portanto, assumimos, não sem problematizações, a metodologia reivindicada para este texto, que possui dentre suas autoras duas pós-graduandas negras não retintas e duas professoras doutoras, ambas brancas. Assim reivindicamos, por um lado, a universalidade proposta por Evaristo e, por outro, ressaltamos a impossibilidade da submissão deste texto sem a presença das autoras brancas, devido às regras de titulação impostas para a submissão neste e em tantos outros periódicos, que por sua vez reproduzem as hierarquias das agências de fomento à pesquisa e pós-graduação do país.

Assim, a epígrafe escolhida para esta introdução nos parece uma

metáfora adequada para a reflexão sobre o lugar, ou os sapatos, que nos cabe enquanto pesquisadoras, intelectuais e profissionais envolvidas com o campo da gestão e produção culturais, em uma universidade pública do nordeste do Brasil. Pretendemos, portanto — ao narrar e refletir sobre as interfaces entre o Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura e nossos itinerários pessoais-coletivos — contribuir para o exercício da auto reflexividade sobre a gestão cultural e a produção de conhecimento no campo, sob a perspectiva dos estudos em cultura.

Gleise Oliveira - No exercício de escrever tenho me empenhado em estar presente nas minhas produções sejam elas acadêmicas ou laborais. Essa presença se conecta com o método à medida que é possível relacioná-lo com outras experiências, grupos e contextos.

Neste sentido fundamental me apresentar como tenho me traduzido nos tempos atuais: uma mulher cisgênero, negra de pele não retinta e socialmente aceita, mãe de duas meninas pequenas, Maria com quatro e Bia com quase dois anos, pesquisadora das políticas culturais, doutoranda em Cultura e Sociedade e atravessamentos diversos.

Acreditamos que assumir a escrevivência como método para a trajetória proposta possibilita incluir na produção intelectual as fissuras sociais a partir do lugar da experiência e trajetória de vida.

Delmira Nunes - Enquanto servidora lotada no CULT, me envolvia direta ou indiretamente nas atividades acadêmico-culturais e demais iniciativas e ações desenvolvidas pelo Centro e, especialmente, trabalhando na produção e organização de todas as edições do Enecult desde 2005 até a atual em 2022.

Foi despertado o interesse pelo campo da cultura e constatado que esta é uma importante fonte para aprofundamento dos estudos, além de uma perspectiva de ampliar os conhecimentos e poder colaborar para futuras pesquisas, trazer contribuições nos processos de gestão universitária e ainda na formação e desenvolvimento de pessoas. Após anos de troca de experiências, execução de atividades, participação em pesquisas e convivência permanente no ambiente qualificado de reflexão sobre a cultura, pude tornar-me também pesquisadora, mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade na UFBA, desenvolvendo uma pesquisa sobre a presença da cultura na programação dos seus Congressos de Pesquisa, Ensino e Extensão.

Escrever o que se vive faz parte do contar a história de pontos de vista

diferentes. Pretendemos ao longo deste relato acionar uma série de acontecimentos que têm sido vividos enquanto nossa prática intelectual é maturada e, adicionalmente, implicar as escolhas e conceitos que entrarão em diálogo ao longo deste texto com as histórias de vida e seus impactos na intimidade das pesquisadoras-autoras-viventes mas que também ajudam a documentar vivências amplas.

Nossas experiências, portanto, se distanciam e se entrelaçam.

Renata Rocha - Quando ingressei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia em 2001 me senti, a princípio, uma outsider. Nasci e vivi toda a minha infância no interior do estado da Bahia, vim morar em Salvador com treze anos e embora seja de uma família de classe média, não costumava frequentar espaços culturais, não imaginava seguir carreira acadêmica, e o campo científico, na acepção de Bourdieu, era para mim um grande mistério. Talvez por conta dessa sensação de deslocamento, me senti tão representada quando, ao ingressar na iniciação científica, travei contato com os estudos da cultura, em especial em sua vertente latinoamericana a partir de autores como Ortiz, García-Canclini e Martín-Barbero. A percepção da importância das estruturas sociais e políticas

no campo cultural e das imbricações entre cultura e poder foi quase uma epifania. Isso fez de mim uma pesquisadora. E a busca por ampliar a compreensão sobre tais processos segue me movendo hoje em minha produção intelectual.

Partimos de lugares e vivências bastante distintos, mas com diversos aspectos comuns, entre os quais é possível destacar uma constante e profícua imbricação entre atuação profissional, produção intelectual e prática política inserida no campo da cultura. A fim de nos debruçarmos sobre tal relação, em especial a partir das duas edições mais recentes do Encontro, dividimos o texto em quatro seções, além desta breve introdução. Na primeira, realizamos uma reflexão sobre a cultura e a imbricação da teoria e da prática, o que nos auxilia a defender a metodologia escolhida para contar a história e avaliar a gestão do Enecult, enfocando sua programação. Na segunda, o evento é apresentado, de forma a tornar explícitos seu histórico, seus pressupostos, suas dinâmicas de gestão e produção e os principais resultados alcançados ao longo dos anos. Na terceira seção é elaborado um breve panorama sobre

os processos que subsidiaram a construção da programação do evento, em meio ao contexto de grave crise que o Brasil atravessa, aprofundada pela pandemia da covid-19. Por fim, iremos discutir os principais desafios e perspectivas para este evento, que nesta edição alcança sua maioria.

2. Preparando o farnel

"[...] não quero a faca nem o queijo, eu quero a fome"
Adélia Prado (1991, p.157)

Dado que "[...] somente a prática pode se pronunciar sobre a validade teórica; no entanto, sem uma validade teórica nenhuma prática pode ser avaliada" (BAL, 2009, p. 25), esta seção propõe elucidar, por meio da problematização e, ao mesmo tempo, operacionalização da complexa noção de cultura como provisão necessária para nutrir nossa travessia. Cabe salientar que, em uma análise multi/inter/transdisciplinar como a que ora iniciamos, é impossível cobrir todos os clássicos, períodos e séculos, bem como todas as principais teorias utilizadas. Assim, por sua complexidade e seu caráter intersubjetivo, propomos assumir

marcos comuns a fim de explicitar as perspectivas e métodos adotados. Como sugere Mieke Bal (2009, p. 23), "concordar não significa concordar com o conteúdo, mas sim concordar com as regras básicas do jogo: se você usar um conceito, estará usando-o de uma certa maneira para que sua discordância com o conteúdo faça sentido." (tradução nossa) Além de enfatizar a importância dos conceitos, ressaltamos a importância de se conhecer também o contexto, marcos e concepções teóricas que o sustentam e envolvem.

Partiremos da explicitação da noção de cultura acionada, fundamental não apenas como revisão teórica, mas como pressuposto que embasa e orienta as ferramentas metodológicas acionadas. Atualmente, há uma predominância da reivindicação de um conceito de cultura no sentido antropológico nos diversos campos científicos, disciplinares ou não, que se debruçam sobre a cultura, na prática profissional em cultura e mesmo nas políticas culturais, como atesta o paradigmático discurso de posse de Gilberto Gil como Ministro da Cultura, em 2003 (GIL, 2013). Com isso, busca-se

afirmar que a cultura não será pensada apenas como belas artes ou alta cultura, mas num sentido mais ampliado: cultura seria então tudo que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente. No entanto, no seio da antropologia, e não apenas nesta disciplina, tal conceito é foco de um agudo dissenso.

Em que pesem as contribuições metodológicas e ético-políticas advindas da antropologia, no senso comum a cultura segue sendo identificada com alta cultura, belas artes, civilidade. Apesar disso, é inegável a contribuição que a antropologia traz para o pensamento contemporâneo, ao relativizar e colocar em xeque os colonialismos, o etnocentrismo e o racismo. Assim, mesmo que seja difícil precisar todas as suas características, a noção antropológica de cultura pode ser bastante produtiva conceitual, metodológica e politicamente.

Neste sentido, amparados no pensamento produzido sobre a cultura no contexto latino-americano, nos estudos culturais de origem anglo saxã e no pensamento do italiano Antonio Gramsci, os pesquisadores Alejandro Grimson e Pablo Semán (2005)

propõem a compreensão de um conceito de cultura que parte de uma perspectiva processual e relacional. Nele, tomam relevo as questões relativas ao poder e seus efeitos nas lutas simbólicas pela construção e interpretação dos significados. Cultura não representa uma dimensão dentre outras na luta social, mas se refere aos “[...] modos específicos como os atores se enfrentam, se aliam ou negociam”. (GRIMSON; SEMÁN, 2005, p. 8, tradução nossa). Cultura é, portanto, “sempre história, agência e poder, disputa e alteração. A vida social é uma condição processual, não uma causa automática, dos modos de pensar e agir.” (GRIMSON; SEMÁN, 2005, p. 9, tradução nossa).

Pensar a cultura sob tais perspectivas é de extrema relevância diante das constantes tensões, pressões e, principalmente, desigualdade de forças inerentes ao campo cultural. Mas para produzir um conhecimento científico que contribua para uma atuação contra hegemônica, necessário se faz articular e contextualizar os conceitos já assinalados e a prática política.

Gleise Oliveira - Tais implicações ficam evidentes

quando o Enecult é desafiado a ampliar o diálogo com outras esferas sociais e de conhecimento que extrapolam os acadêmicos. Isso se deu de forma mais estreita, ao meu ver, com a criação dos "Relatos de Experiência". Nessas sessões eram priorizadas atividades do campo da cultura sem relação com pesquisadores como intermediário ou voz protagonista. Foi o espaço criado para os fazedores que antes eram objeto de análise e/ou convidados para partes comemorativas do Encontro. Essa mudança fez para mim total sentido como a frase que ressoa das experiências que vivi na gestão da rede estadual da Bahia do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura "Nada sobre nós, sem nós" era permitir a voz daqueles que estavam efetivamente promovendo as ações.

Isaura Botelho (2001), no texto *Dimensões da cultura e políticas públicas*, já clássico para o estudo das políticas culturais, explicita a existência de duas dimensões – antropológica e uma sociológica – do ponto de vista de uma política pública. Segundo a autora, ambas são igualmente importantes, mas exigem estratégias diferentes.

Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram

seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Por sua vez, a dimensão sociológica não se constitui no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Refere-se, portanto, a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria.

Em nossa prática cotidiana na produção, gestão e políticas culturais, lidamos de modo mais palpável com a dimensão sociológica da cultura. A dimensão antropológica fica, portanto, relegada ao plano do discurso, visto que, para atingi-la, se faz necessário uma reorganização das estruturas sociais e uma redistribuição de recursos econômicos. As transformações que permitem interferir no estilo de vida das pessoas ocorrem de forma lenta e dependem de um processo que exige mudanças radicais e uma articulação ampla.

É necessário, porém, que a dimensão antropológica penetre este circuito organizado, característico da dimensão sociológica. Trata-se, pois, de incluir o questionamento como diretriz global de construção, contribuindo para a geração de processos de redefinição tanto do sistema político como das práticas econômicas, sociais e culturais que resultem em um ordenamento social democrático, justo e inclusivo. Estão em jogo, neste processo, a circulação das várias formas de conhecimento, o uso de linguagens diversificadas e a promoção de formas de cultura que permitam avançar, não apenas artisticamente, mas também em qualidade de vida.

Nesse sentido, devemos inserir o conceito antropológico de cultura como projeto político em nossa atuação. Mas como fazê-lo?

Precisamos, mais do que nunca, questionar e politizar nossa prática cultural cotidiana. Acreditamos que nós, como parte do sistema cultural – seja como criadoras, gestoras, produtoras, comunicadoras, pesquisadoras, críticas, ou mesmo como público – precisamos assumir, nesse caso sem medo de tomarmos

uma atitude intervencionista, a necessidade de se construir uma nova cultura no Brasil e na América Latina que leve em conta o nosso contexto de imensas desigualdades sociais, exclusão econômica e marginalização das diferenças culturais.

As perspectivas teóricas acionadas, em maior ou menor grau, servem de baliza para a realização, e em especial na definição da programação, dos Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura, visto que

Um fenômeno a destacar são os efeitos não programados que se desdobraram a partir da consolidação do evento. Ao longo das suas edições, o Enecult extrapolou seu papel de simples encontro acadêmico sobre temas ligados ao campo de estudos da cultura e tornou-se uma espécie de sementeira que se desdobrou em iniciativas distintas, mas correlacionadas ao campo da produção acadêmica, uma vez que ajudou a fazer brotar cursos de pós-graduação (Pós-Cultura), articulou rede de pesquisas (...), inspirou a criação de tantos outros eventos similares (com destaque para os Seminários Internacionais de Políticas Culturais, organizados pela Fundação Casa de Rui Barbosa), gerou publicações de referência para estudiosos da cultura, com especial ênfase para a Coleção CULT.

Ademais, o ENECULT extrapolou sua dimensão acadêmica ao imprimir também um caráter político em suas reflexões, pois muitas das ideias ali debatidas tornaram-se fundamento para que estudiosos da cultura que ali transitaram pudessem contribuir para formulação de políticas culturais não só para a Bahia, como também para outros lugares do Brasil (VIEIRA *et al.*, 2021, p. 111-112).

Ou seja, a realização do Enecult, ao longo dos anos, possui como propósito manter o diálogo com os diversos contextos políticos atravessados pelo país ao longo de suas dezoito edições, assumindo as diversas dimensões da cultura e acentuando aspectos diversos que “[...] atravessam o campo das teorias e estudos culturais que se encarregam de analisar seus deslocamentos e transformações. das complexas mutações econômicas e sociocomunicativas, mas também acadêmico-disciplinares, deste final de século” (RICHARD, 2005, p. 457, tradução nossa).

3. A estrada que nos trouxe até aqui

"E da história que me resta estilhaçados sons esculpem partes de uma música inteira.

Traço então a nossa roda gira-gira em que os de ontem, os de hoje, e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros. Inteiros." Conceição Evaristo (2017, p. 12).

Eric Hobsbawm nos lembra que é “olhando para trás, vemos a estrada que nos trouxe até aqui” (2012, p. 25-26). Nesse percurso, iremos descrever o Enecult e suas trajetórias, adotando como ponto de partida uma breve descrição do CULT, entidade responsável pela realização do Encontro.

O CULT foi instituído pela Congregação da Facom em maio de 2003, como órgão complementar da UFBA. Posteriormente, com a criação do IHAC, em 2008, o Centro foi transferido para a nova unidade acadêmica, devido ao seu caráter multidisciplinar. Desde sua criação, docente de várias unidades da UFBA e de outras universidades públicas; estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores e servidores técnico-administrativos vinculados ao CULT realizam atividades de formação, pesquisa e extensão. Para além da gestão do Enecult, o CULT se destaca por produções como a Coleção CULT, em

parceria com a Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba) e o periódico Políticas Culturais em Revista, em parceria com o Pós-Cultura e a Edufba.

O CULT mantém intercâmbio acadêmico-cultural, no Brasil e no exterior, com entidades, instituições, associações, universidades, centros de pesquisa e extensão, publicações, estudiosos e profissionais de cultura. O Centro é filiado ao Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e membro da Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa/Secretaria Especial de Cultura.

Ao analisar o desenvolvimento recente dos estudos em políticas culturais no Brasil, a partir da produção de conhecimento e da prática profissional dos principais pesquisadores vinculados ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Mariella Pitombo Vieira et al. (2021, 126-127) assevera que

O trânsito estreito que os pesquisadores estabelecem entre o campo acadêmico e o político confere-lhes um caráter bifronte na sua atuação. Ou seja: ao tempo em que são agentes que se

ocupam em refletir sobre o tema das políticas culturais através de uma produção científica profícua, atuam, por outro lado, como agentes nativos da esfera das políticas culturais ao ocuparem postos de gestão, colaborando assim para a constituição de práticas e discursos sobre o "fazer" das políticas culturais. Tal dinâmica (...) confere uma especificidade na epistemologia gerada por esses estudos, qual seja: um alinhamento de ideologias entre o campo político e o campo intelectual.

Tal constatação encontra, na prática cotidiana do CULT, um duplo lastro. Desde os primeiros níveis de formação, pesquisadoras e pesquisadores do Centro aderem a este caráter bifronte de atuação, que também acaba por envolver servidores e docentes. Tais profissionais e estudantes, entre bolsistas e voluntários, além de suas atividades rotineiras atuam na organização e apoio às diversas atividades de extensão, pesquisa, consultorias e formação em cultura promovidas, com destaque para o Enecult. Ademais, à medida em que há um trânsito entre os pesquisadores do Centro e a gestão pública, é possível verificar diversos exemplos de atuação em cargos na gestão pública e, certamente, na

docência universitária. Esse duplo olhar, nos parece, é fundamental para uma atuação qualificada.

Gleise Oliveira - Avalio que a minha trajetória é marcada pela prática e reflexão em torno das políticas culturais sob diferentes aspectos, o que evidencia a multidisciplinaridade. A oportunidade que o Enecult me dá de me aproximar e contribuir com pesquisas e nos bastidores da gestão para proporcionar espaços de diálogo sobre culturas e suas diversas transversalidades contemporâneas é instigante e me põe em movimento e em contato com um vasto universo de pesquisas e culturas nas suas distintas dimensões.

Frente à relevância deste evento para o Centro e para os estudos da cultura no Brasil cabe colocar em suspenso, inclusive sua classificação enquanto evento, conforme anotado por Albino Rubim (2014, p. 58):

A crítica correta e sempre acionada assinala o caráter eventual do evento. Ou seja, ele é vento que passa e por vezes refresca, mas que não deixa nada de mais substantivo para a cultura. O caráter eventual do evento torna-se deste modo o grande inimigo de uma atuação cultural mais consistente, porque orientada pela busca de impactos culturais mais permanentes e persistentes.

A distinção que o autor propõe, parece dar conta de caracterizar o Enecult a partir de outra categoria de evento. Seria o Encontro, um evento-programa uma vez que assume a perspectiva de, mesmo sendo um evento, ter a característica de mover outras estruturas e para além dele, deixar um legado e promover uma abertura para políticas de cultura, por exemplo.

A potência do evento-programa, deste segundo tipo, necessita ser ampla, desde o início. Dificilmente um evento-programa frágil terá possibilidade de realizar esta mutação. Ele igualmente deve possuir condições de se desenvolver e de ganhar ainda mais potência, pois ela aparece como condição para a própria transformação. Neste sentido, o evento-programa precisa, desde seus primórdios, estar bem inserido em uma teia social que possibilite articulações, sem as quais o processo corre enorme risco de ser interdito (RUBIM, 2014, p. 61)

Sob tal perspectiva é que nos debruçamos sobre o Enecult. Conforme já mencionado, o Enecult é voltado para os estudos sobre cultura sob uma perspectiva multidisciplinar e transversal, por meio de uma

programação que engloba (ou englobou) diversas modalidades de participação. Em quase todas elas, à exceção da fruição nos momentos festivos, são apresentadas pesquisas, estudos científicos em cultura, debates nos mais variados campos dos saberes.

Em seus dezoito anos, o Enecult possui como atividade central a apresentação de trabalhos com submissão, avaliação e seleção de artigos para apresentação oral e publicação em anais. Estudantes em diversos níveis de formação, a partir da graduação, podem submeter artigos ao evento. Embora as atividades sejam abertas ao público, para confirmar a apresentação oral dos trabalhos e para obter certificação é necessário o pagamento em valores diferenciados para graduandos, pós-graduandos (*stricto* e *lato sensu*) e profissionais, pesquisadores e professores. Ouvintes que desejem receber a certificação também pagam, desde a XVII edição, um valor mais acessível.

Natalia Coimbra – Uma das grandes questões para o CULT, tanto na atuação do Centro, quanto na organização do Enecult, é garantir a diversidade de interlocução

cotidiana nas suas ações, na programação do evento e nas redes que são estabelecidas. Desse modo, buscando ativamente trazer para seus espaços de diálogo e decisão pessoas de diversas origens e instituições, que atuem a partir das suas múltiplas vivências, experiências e perspectivas. E não apenas pesquisadores/as, mas também artistas, fazedores/as da cultura, ativistas, participantes dos movimentos sociais, gestores/as, profissionais dos mais diversos campos de atuação etc.

Assim, além da apresentação de trabalhos, a programação inclui relatos de experiências subjetivas e práticas de gestão, atividades para articulação de redes, exposições, práticas artísticas e espaços de discussão, de modo a diversificar a programação do evento. Além disso, a difusão de pesquisas, diagnósticos e mapeamentos articulados com instituições públicas e privadas, a publicização de manifestos e eventos paralelos, tem como propósito interferir na realidade cultural do país. Não é fácil garantir, e nem sempre o fazemos com efetividade, a interlocução com a imensa diversidade de linguagens e circuitos desse complexo campo.

A trajetória do evento, a partir explicitada no quadro 1, a seguir.
de seus principais números, está

Quadro 1: Principais números do Enecult

Edição do evento	Ano	Inscritos	Trabalhos submetidos	Trabalhos apresentados e publicados	Pareceristas
I ENECULT	2005	270	132	113	20
II ENECULT	2006	280	122	99	15
III ENECULT	2007	318	312*	170	12
IV ENECULT	2008	333	318*	227	11
V ENECULT	2009	444	397*	238	16
VI ENECULT	2010	623	557*	291	74
VII ENECULT	2011	763	576*	403	115
VIII ENECULT	2012	665	630*	289	78
IX ENECULT	2013	445	431*	260	96
X ENECULT	2014	493	375	246	91
XI ENECULT	2015	622	524	287	114
XII ENECULT	2016	692	600	311	194
XIII ENECULT	2017	678	540	300	217
XIV ENECULT	2018	642	659	325	225
XV ENECULT	2019	766	736	373	359
XVI ENECULT**	2020	1477	0	0	0
XVII ENECULT**	2021	652	408*	346	330
XVIII ENECULT***	2022	573	371*	328	271

Fonte: elaboração das autoras com base em dados do Encontro.

* Edições que consideraram como modalidade de submissão artigos individuais e mesas coordenadas.

** Edições em formato online

*** Edição em formato híbrido

Para que se tenha uma ideia da dimensão deste evento-programa, em sua mais recente edição realizada em 2022, em formato híbrido, entre os dias 9 e 12 de agosto de 2022, contou com uma vasta programação que envolveu 17 mesas coordenadas, 59 sessões de apresentação de artigos submetidos aos 22 grupos de trabalho, quatro mesas especiais de Diálogos Emergentes, duas mesas redondas, mesas de abertura e de encerramento e ainda lançamento de 13 livros com confraternização presencial. Nesta edição foram 573 inscritos, resultando na apresentação oral de 328 trabalhos cujos artigos, por fim, compuseram os anais.

Como qualquer outro evento cultural, o Enecult passa pelas três etapas para sua realização: pré-produção, produção propriamente dita e pós-produção (RUBIM, L., 2005, p. 25). Na pré-produção, a equipe elabora o planejamento do que vai ser executado, definindo: calendário, formato, comissões, entre outras. Uma das primeiras etapas é a chamada para submissão de artigos e a sua consequente seleção pela Comissão Científica. A partir do resultado desta seleção, é elaborada a programação

completa do encontro, prosseguindo com as demais atividades relacionadas ao encontro.

Desde sua primeira edição, o Enecult é gerido por diversas Comissões. Atualmente o Encontro é organizado estruturalmente a partir das Comissões Organizadora, Científica e de Programação. Além das coordenações Geral, de Secretaria e Comunicação.

As decisões de cunho mais abrangentes sobre o encontro são tomadas coletivamente nas reuniões do Conselho Consultivo do CULT, formado por coordenadores e ex-coordenadores do órgão. É essa plenária que, a partir de parâmetros e diálogos, decide pela data de realização, formato, estrutura e tema geral do Encontro. Algumas dessas decisões estão pautadas em questões pragmáticas, como a realização do evento durante o período de férias da UFBA, considerando a necessidade de espaços físicos para comportar a realização de diversas atividades simultâneas. Já as decisões sobre tema, convidados e formato têm variado ao longo dos anos. Para citar um exemplo recente, em 2020, devido à pandemia de covid-19, o Encontro

aderiu à modalidade online e, adicionalmente, considerando as condições desiguais de produção acadêmica, resolveu-se por não realizar os Grupos de Trabalho temáticos. Ainda observando o contexto adverso, que no Brasil foi atenuado pela gestão irresponsável da pandemia pelo executivo federal, o Enecult naquela edição foi totalmente gratuito.

Em cada edição do evento foram ocorrendo diferentes formas de organização e especialmente quando se refere aos eixos temáticos, estes não seguem uma padronização e foram se atualizando e alterando em cada ano conforme avaliação de demanda e temática: foram feitas junções, exclusões ou inclusões de novos Grupos de Trabalho (GTs), mudando as abordagens ou ganhando novas nomenclaturas, adaptando-se às necessidades ou à própria conjuntura.

A cada ano, a coordenação geral também elabora projetos de captação de recursos para participação em editais de diversas agências de fomento e instituições de apoio à cultura. Ao longo de sua trajetória o evento já recebeu apoio de

instituições como: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Instituto Itaú Cultural, Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), etc.

Obviamente, a relação entre um evento que propõe pensar a cultura de forma crítica e implicada com a diversidade de financiadores como a exemplificada não se dá sem atritos e disputas.

Gleise Oliveira - Um dos momentos chave para entender o posicionamento do CULT diante as exigências e ideologias de apoiadores foi, sem dúvida, a retirada de um apoio considerando os interesses do patrocinador que estavam ideologicamente contrários às discussões que o evento resolveu travar em uma das edições. Do ponto de vista da produção/captação de recursos esse é um relevante ponto a se verificar. Existe interdição de algum posicionamento ou convidado? Neste impasse, restou evidente a posição do Centro de Estudos que seguiu

“perdendo” um apoio mas reforçando a sua definição crítica diante o contexto em análise. Ou seja, o Enecult não estava disposto a negociar interdições ao pensamento crítico e isso ficou evidente com essa vivência.

Quanto à produção propriamente dita, além do envolvimento das comissões, é necessário a contratação de profissionais para as atividades de comunicação e produção cultural. Estes últimos, conforme Linda Rubim (2005, p. 26) “devem saber lidar com números, recursos financeiros, orçamentos, cronogramas de produção, tabela de custos etc”. Estabelecem também relações com distintas instâncias e órgãos na Universidade a exemplo da Produtora Júnior, Agenda de Arte e Cultura e Laboratório de Fotografia da Faculdade de Comunicação, além de alunos bolsistas dos cursos de graduação em Produção e Jornalismo da Facom, Bacharelados Interdisciplinares e pós-graduandos do Programa em Cultura e Sociedade do IHAC que atuam na monitoria do Encontro.

Ao longo do tempo, a programação ganhou novos formatos,

adaptando-se à realidade, dado que pode ser exemplificado pelo contexto de pandemia. Mas, mesmo em edições anteriores, experimentamos, com frequência, diferentes questões que nos impulsionaram a ampliar os espaços de discussão e interação.

Delmira Nunes - A realização do Minicurso Acessibilidade Cultural – Políticas Culturais e Formação Acadêmica, como parte a programação da XI edição em 2015 foi o pontapé inicial para a inclusão em todas as edições subsequentes da tradução em libras das palestras, e da impressão da programação em braille e em fonte ampliada. A acessibilidade para pessoas com deficiência é executada com o apoio do NAPE - Núcleo de Apoio à Pessoa com Deficiência da UFBA e para mapear a demanda do Encontro, utilizamos os dados dos relatórios de inscrições. Mesmo sem uma demanda ampla, sobretudo na programação que fica de legado no canal do CULT no youtube, temos feito a escolha política de traduzir a maior parte possível da programação.

Este é um, dentre outros, exemplos de aplicação dos pressupostos teóricos acionados na prática cotidiana da produção e da articulação, no Enecult, entre forma e conteúdo.

Por fim, a etapa de pós-produção fica a cargo da Coordenação Geral, que assume as prestações de contas e demais atividades, inclusive com reuniões de avaliação do evento. E, por óbvio, por se tratar de um evento que não se esgota na eventualidade, já se inicia o planejamento para a próxima edição.

4. Fazendo o caminho ao caminhar

"[...] a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro."
Clarice Lispector (1998, p.12),

Considerando a programação um elemento que transversaliza toda a gestão do Enecult escolhemos adotá-la como enfoque central da reflexão proposta. Para nós, quando olhamos para a programação do encontro fica evidente as nossas escolhas enquanto gestoras, organizadoras e produtoras do Enecult e também os limites para ousar, se considerarmos o financiamento, como uma variável. Como aspectos a serem pontuados, por exemplo, existe uma posicionalidade entre o recebimento de proposta (mesas coordenadas e artigos) que compõem a parte acadêmica do evento e que

acontecem por via de submissão mas também a parte da programação que prescinde de uma curadoria da organização e implica uma relação direta com escolhas, temas e também valores que estão relacionados diretamente com as discussões que estejam em evidência no campo e entre os temas de pesquisa dos fazedores mais diretamente relacionados com as temáticas. Ademais, a definição da programação do Enecult se relaciona também com limitações que dizem respeito à agendas, recursos, ou, de forma mais ampla pelo contexto que o atravessa.

Nos dois últimos anos, para nos atermos às duas mais recentes edições, o mundo e por consequência o Encontro foi impactado pela covid-19. No Brasil, a pandemia foi conjugada com um contexto adverso político-institucional determinante para os campos da cultura e da ciência. Conforme atestam pesquisadores:

A conjuntura foi atingida pela pandemia, que infestou o mundo e o país. O pandemônio no maltrato da pandemia matou, de modo criminoso, mais de 650 mil pessoas no país, até março de 2022, além de atingir milhões de brasileiros(as). O pandemônio não ficou restrito à desastrosa gestão da

pandemia. Ele se disseminou por todo governo e por toda sociedade: *caos econômico*, pela ausência de projeto econômico e descontrole da inflação; *caos social*, com índices enormes de desemprego e volta do Brasil ao mapa da fome; *caos político*, com tentações autoritárias contra instituições e pessoas e agressões à vida democrática; *caos educacional-universitário*, com cortes de verbas e ataques à autonomia das universidades; *caos científico*, com redução de recursos e de bolsas de pesquisa; *caos cultural(...)*. (RUBIM; OLIVEIRA; TEÓFILO, 2022, p. 14, grifos dos autores)

A conjunção entre neoliberalismo, neofascismos e covid-19 tem efeitos funestos para a vida em sociedade. Há que se observar que se comprova o papel paradoxal da pandemia para a construção do Enecult se observarmos os impactos da mesma para a cultura em seus diversos modos de fazer.

Seu impacto no campo cultural é enorme e paradoxal. A cultura presencial ao vivo foi uma das primeiras áreas a ter as atividades suspensas e será uma das últimas a retornar à vida, sofrendo profundamente com a pandemia, pois tem como seiva vital a convivência. Já a cultura virtual, mediada por aparatos sociotecnológicos, demonstrou-se companheira inseparável das multidões

solitárias aprisionadas em quarentena, quando as condições sociais e econômicas permitiam. A cultura midiaticizada se tornou imprescindível à saúde emocional e mental das pessoas submetidas a situações limite de intensa solidão, dado o rompimento das suas relações sociais e afetivas. Com a longa duração da pandemia, a cultura midiaticizada também afetou e deprimiu a cultura mediada, pois seus estoques precisam ser renovados por novas obras, que requerem fabricação convivencial ao vivo. (RUBIM; VILUTIS; OLIVEIRA, 2021, p. 13).

A pandemia provocou mudanças profundas no dia-a-dia: distanciamentos sociais, uso de máscaras, paralisações de atividades, *lockdown*, sobrecarga dos serviços de saúde e inúmeras mortes.

Renata Rocha - Em janeiro de 2021 foi realizada a eleição para a coordenação do Centro. Eu estava bastante reticente em assumir essa empreitada, não pelo trabalho em si, mas diante de todo o meu contexto pessoal. Eu estava em isolamento social, em um momento de absoluta incerteza sobre o que estávamos vivenciando, cuidando de um bebê de dois anos sem rede de apoio. Manter o ritmo necessário para a construção de um Enecult não parecia viável e por esse motivo Natália assumiu a coordenação da XVII edição

com a minha contribuição eventual, em especial nos processos relativos à comissão científica e também no acompanhamento da parte burocrática e de gestão dos recursos.

Somaram-se a este fato, constantes ataques às ciências, a falta de recursos para a educação, a defasagem dos orçamentos das universidades, tornando ainda mais difícil a realização de eventos acadêmicos. Assim, o Enecult sofreu sucessivas reduções de aportes financeiros, seja no que diz respeito aos recursos necessários à sua organização, seja quanto aos programas de apoio à participação de pesquisadores, docentes e estudantes em eventos acadêmicos. Em 2020 e 2021, por exemplo, o Enecult não contou com quaisquer apoio e/ou financiamento. Na edição de 2022, o evento foi contemplado com um edital da CAPES e recebeu o apoio da Deputada Estadual Neusa Cadore, por meio de emenda parlamentar.

Natalia Coimbra - Fazer essas duas edições mais recentes do Enecult foi um trabalho verdadeiramente coletivo. Não tínhamos como desconsiderar o difícil momento vivido, diante da pandemia que assolou todo o planeta e que, em nosso país, escancarou uma crise

que ainda abarca tantas dimensões: sanitária, política, econômica, social, ambiental, cultural... Mas, mesmo em tempos tão difíceis, é importante destacar a alegria que foi compartilhar, primeiro exclusivamente no remoto e depois no formato híbrido, o nosso lugar, a partir do contexto da universidade pública, e sua importância incontestada, principalmente, diante desse complexo contexto.

“Trocar o pneu com o carro em movimento” é como fazer ao sabor do tempo e do momento. Assim tem se movido o Enecult sem ser descontinuado para se posicionar diante de tantos contextos paralisantes. Na edição de 2021 o tema “A cultura na encruzilhada” fazia referência às possibilidades de caminhos e questionava sobre quais as possibilidades para sobreviver a esses difíceis tempos. O ano ainda estava fortemente marcado pelos impactos da pandemia (ainda não medidos em sua plenitude) então, o Enecult mais uma vez se realiza para ressaltar que “cultura é vida” e se contrapõe à irresponsabilidade, no âmbito das políticas públicas no país, no trato de uma crise sanitária sem precedentes e as numerosas perdas

humanas, vítimas da infecção viral e do descaso político quanto às suas consequências socioeconômicas.

Renata Rocha - Um aspecto que considero de muita relevância que, nas duas edições mais recentes, foi o fato de que as comissões eram formadas em sua imensa maioria por mulheres. Embora em estágios diferentes em suas vidas pessoais, o nível de qualificação da equipe era muito alto, inclusive partindo dos parâmetros tradicionais de titulação, mas também de experiência profissional. Esta condição trouxe muita qualidade para a gestão do evento e para as discussões de âmbito teórico e, sem dúvidas, foi um impulsionador para a problematização das condições enfrentadas por pesquisadores, e em especial pesquisadoras frente à pandemia. No entanto, esta também foi uma circunstância limitadora, diante dos entraves e condicionantes que enfrentávamos todas pela frequente imposição social das atividades de cuidado ao gênero feminino. Mesmo considerando as diferenças interseccionais, não foram poucas as vezes que nos alternamos na assunção de funções diversas frente às restrições impostas pelos cuidados domésticos e, em especial, de familiares.

Nesta edição o Enecult se aproxima da casa legislativa e se coloca em diálogo com artistas. Esse setor, primeiro a ser interdito e

último a retomar à sua normalidade, necessitava ter políticas e aporte de recursos. Pois, subvertendo a canção, a fome de cultura e arte estava sendo suplantada pela ausência da comida. O Encontro também se solidariza com as famílias que perderam seus entes vítimas da covid-19 e se aproxima de fazedores de cultura que estavam sofrendo com as ausências de políticas. Com isso, nasce a Campanha Abraço Solidário na Cultura realizada em parceria com os Artistas Solidários da Bahia e que arrecadou recursos para colaborar com artistas e grupos de fazedores da cultura que estavam desassistidos e em situação de grande vulnerabilidade.

Graças ao avanço das pesquisas que tiveram como alvo o coronavírus e a tentativa de contenção, aliado ao desenvolvimento de vacinas capazes de colaborar com a retomada gradual das atividades.

Renata Rocha - Coordenar o CULT e fazer o Enecult é sempre um trabalho denso, complexo, articulado, fecundo, coletivo. O Enecult é um lugar de reflexões e de trocas de experiências e estudos no campo da cultura, mas não é apenas isso. É também um ambiente de produção de cultura, vem se tornando um corpus substantivo para quem

quer entender os estudos da cultura do Brasil, e é também um lugar de encontro, de afeto. É ainda uma iniciativa acadêmica que busca dialogar com o seu tempo, com todos os imensos desafios que este propósito traz. Quando começamos a pensar em como seria o evento de 2022, em conjunto com o conselho consultivo do CULT, ainda no ano anterior, ideias como as de mudança, renovação, utopias, esperança foram recorrentes. A maioria que o Enecult alcança se realiza também a partir dessa necessidade de rejuvenescer, como propunha Belchior, na canção velha roupa colorida, uma das grandes inspirações desta edição.

Com a retomada da programação acadêmica de submissão de trabalhos, foi possível recorrer novamente a editais de fomento. Se por um lado abre-se um leque de possibilidades para a realização do Encontro a partir dos recursos captados, por outro a programação tem que atender aos requisitos acionados pela ideia de produção intelectual com base nos contextos do produtivismo moderno, que vem se impondo de forma cada vez mais feroz nas ciências sociais e humanidades. Pontuada por intelectuais como o baiano Milton Santos (1992) e como o venezuelano

Daniel Mato (2004), essas lógicas, ainda que tragam alguns avanços, em especial no âmbito das ciências duras, contribuem para o empobrecimento da crítica e para a desvinculação do trabalho intelectual de uma atuação ética e política.

De qualquer forma, sempre que falamos de cultura temos que falar de mudança, hibridismo, diferenciações internas, habitus herdados e relações de poder, mas também de uma agência humana que pode ser capaz de transformar tudo isso. Como dispositivo de controle e poder social ou ferramenta para transformar um modo de vida, os objetos culturais estão diretamente relacionados à desigualdade, discriminação e dominação social. Entendida como domesticação de pulsões, progresso social ou, ao contrário, usada como crítica a uma forma particular de entender o progresso, a cultura é uma instância estratégica para qualquer projeto político (VICH, 2014, p. 28)

No caso de um evento acadêmico, há uma tendência a definir a programação com base na hierarquização, os convidados são categorizados, muitas vezes tomando como base titulação, quantitativo de produção e origens territoriais e econômicas. Simultaneamente, é

relegada a segundo plano a participação de intelectuais e pesquisadores oriundos de grupos populares, da gestão e produção cultural, gestores culturais, de movimentos sociais e até mesmo o público.

Natália Coimbra - Uma das maiores dificuldades relativas à programação, todos os anos, é o real desejo de incluir fazedores culturais nas mesas e atividades destacadas. Mesmo que reconheçamos a relevância da contribuição das práticas intelectuais não acadêmicas, nos esbarramos em dificuldades como agenda desses agentes, ausência de interesse em participar de um evento acadêmico e, por fim, os entraves para a remuneração deste tipo de participação.

Assim, em sua XVIII edição, o Enecult buscou promover, ainda que de forma limitada, devido às imposições do contexto de crise sanitária e econômica, o compartilhamento de experiências de gestão e produção cultural associadas a práticas contra-hegemônicas e buscando atender, na programação de curadoria do próprio evento, a diversidade racial, territorial, de gênero e de perspectiva. Certamente, tais escolhas buscaram dialogar, em simultâneo, com titulação, experiência

acadêmica e posições já legitimadas no campo científico (BOURDIEU, 2011). Além de dar ênfase à diversidade da atuação nos diversos contextos, com a presença (ou tentativa) de convidados das diversas regiões do país e da América Latina, buscamos debater também os processos de formação (sejam eles formais ou não), a atuação profissional e/ou militância e a pesquisa na política e gestão cultural.

5. Mirando o futuro

"O fogo queimou sinuoso o campo
Hoje sua cicatriz é a língua mais
verde."
Ida Vitale (2020, p. 61)

Acreditamos que os dados corroboram a relevância de levantamentos como o então empreendido, dado o papel dos eventos enquanto espaço qualificado de debate e reflexão, contribuindo para o intercâmbio acadêmico e para a formação de novos pesquisadores.

Delmira Nunes - Durante esse longo percurso em que atuo no Enecult, e lá se vão dezoito anos, foram criados vínculos e laços, tanto profissionais quanto de amizade e afetos. Por conseguinte, me tornei cada vez mais vinculada ao

campo dos estudos em cultura e totalmente envolvida nos mais diversos aspectos da realização do Enecult.

Atravessando conjunturas políticas díspares no país ao longo de suas trajetórias, e enfrentando atualmente um momento particularmente crítico, tais iniciativas representam uma relevante parcela do profícuo desenvolvimento da produção científica sobre a cultural, nos anos recentes, mas também, reiteradamente um lugar de afeto.

Natália Coimbra - O Enecult então se tornou para mim, e acredito que para todas nós da organização e que esperamos que também tenha sido assim para os/as participantes, não apenas um lugar de reflexões e de trocas de experiências e estudos no campo da cultura, mas um ambiente de resistência, de construção de afetos, de acolhimento, de inclusão e de fortalecimento do esperar, como nos ensinou Paulo Freire. Um lugar de onde desejamos, também, abraçar coletivamente a cultura.

No vasto campo da cultura, além de questionarmos as fronteiras disciplinares, precisamos colocar em xeque as fronteiras existentes entre as práticas realizadas no âmbito acadêmico e as práticas que o

transcendem e se desenvolvem em outros contextos. Se por um lado, para nós pesquisadoras é difícil prescindir dos recursos aportados pelas agências, é necessário se pensar formatos que articulem práticas diversas e não apenas as caracterizadas como acadêmicas. Por isso nos apropriamos aqui da perspectiva de Daniel Mato (2019), ao utilizar o termo "práticas intelectuais em cultura e poder" e não simplesmente estudos em cultura. Nossa atuação intelectual deve buscar, diante da impossibilidade imediata de alterar essa lógica, mesclá-la com outras práticas.

Gleise Oliveira - Os desafios para seguir contribuindo com futuras discussões em cultura estão sempre em disputa. Os temas e atravessamentos socioculturais se apresentam na rotina e não estão dissociados do fazer pesquisa. Avalio que o jovem Enecult com seus 18 anos tem para o futuro enormes inflexões. Com "pedras" no meio do caminho que podem ser relacionadas com o financiamento, como evidenciam os cortes provenientes da crise multissistêmica, e também uma urgência em ser sustentável, mas também dos conceitos, discussões e pertencimentos. Mas diante da sua trajetória sabemos que ele é sagaz e atento às transformações.

Cabe salientar que, sob os pressupostos agências de fomento, há um formato de produção – eventos acadêmicos, periódicos, livros e atividades de pesquisa e extensão – que privilegia a produção intelectual em moldes tradicionais em articulação entre pares, relegando a segundo plano a interação com os agentes que são, via de regra, objetos de estudos das humanidades e ciências sociais. É necessário elevar, portanto, esses objetos à categoria de sujeitos e buscar um modo de fazer que garanta, ao mesmo tempo, o necessário financiamento à promoção da diversidade pretendida.

Renata Rocha - Há, obviamente, uma constante tensão entre o idealizar e o executar e estar entre estas duas funções pode ser uma limitação e uma potência. A limitação acontece na autocensura, na perspectiva de que o inovar quase sempre resulta numa atenção redobrada quanto à sua plena consecução. Por outro lado, há a potência de produzir uma prática refletida. Nesse sentido, o fazer, no Enecult, é resultado de uma reflexão coletiva acerca das escolhas, das terminologias e dos processos adotados. A determinação acerca de formatos, peças e textos da comunicação, taxas, modelos de programação, temas

abordados resultavam de (e em alguns momentos em) debates profícuos que dialogavam com os aportes teóricos acionados em nossos projetos de investigação, bem como com a realidade brasileira, em especial no campo cultural.

Ou seja, assumir, como propõe Victor Vich (2014, p. 33), "(...) a heterogeneidade e a diferença como categorias básicas de políticas culturais implica a opção de observar antagonismos sociais para tornar visíveis, a partir daí, as relações de poder que se reproduzem entre as diversas culturas" (tradução nossa). Em outras palavras, se a cultura, em seu sentido antropológico, é história, agência, poder e disputa, ela precisa inundar a dimensão sociológica, em seus circuitos, e contribuir para a promoção de mudanças em prol de uma cultura cidadã, participativa, plural, democrática.

Referências:

- BAL, Mieke. *Conceptos viajeros en las humanidades: una guía de viaje*. Tradução de Yaiza Hernández Velázquez. Murcia: CENDEAC, 2009.
- BOTELHO, Isaura. *Dimensões da cultura e políticas públicas*. São Paulo

em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr.-jun. 2001.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 99-135.

CALABRE, Lia. Estudos acadêmicos contemporâneos sobre políticas culturais no Brasil: análises e tendências. *PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, ano 4, n. 7, p. 109-129, 2014.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GIL, Gilberto. 2 de janeiro de 2003, Solenidade de transmissão do cargo. Brasília. Discurso. In: ALMEIDA, Armando; ALBERNAZ, Maria Beatriz; SIQUEIRA, Maurício (org.). *Cultura pela palavra*. Coletânea de artigos, entrevistas e discursos dos ministros da Cultura 2003-2010. Rio de Janeiro: Versal, 2013. p. 229-234.

GRIMSON, Alejandro; SEMÁN Pablo. Presentación: La cuestión "cultura". *Etnografías contemporâneas*, Bogotá, año 1, n. 1, p. 11-22, abr. 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MATO, Daniel. Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 55, n. 2, p. 139-162, maio/ago. 2019.

NATÁLIA, Livia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Edição da autora [e-book], 2020.

OLIVEIRA, Gleise Cristiane Ferreira de. *Institucionalidade cultural: o programa cultura viva da criação até a Lei nº 13018/2014*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OLIVEIRA, Gleise. Gestão Cultural enquanto objeto de estudo: uma breve catalogação. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Gestão Cultural*. [Coleção Sala de Aula, v. 13]. Salvador: Edufba, 2019. p. 49-66.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Arx, 1991.

RAMOS, Bárbara Heliodora Andrade. *A especificidade da gestão cultural no Brasil: uma leitura crítica dos Anais do ENECULT (2005-2014)*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

RAMOS, Bárbara Heliodora Andrade; LUSTOSA DA COSTA, Frederico José. A produção acadêmica sobre Gestão Cultural no Brasil: reflexões a partir dos Anais do Encontro dos Estudos Multidisciplinares em Cultura-Enecult (2005-2014). *Anais do XLIII Encontro da ANPAD 2019*.

RICHARD, Nelly. Globalización académica, estudios culturales y crítica latinoamericana. In: MATO, Daniel. *Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, Argentina: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). 2005. p. 455-470.

ROCHA, Renata; BRANDÃO, Gustavo de Oliveira; SOUZA, Delmira Nunes de. Estudos em políticas culturais em dois eventos nacionais: contribuições e desafios de uma pesquisa bibliométrica. In: COSTA, Leonardo; ROCHA, Renata (orgs.). *Cultura e Ciência de Dados*. Salvador: Edufba, 2021, p. 137-168.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Políticas culturais na Bahia contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; OLIVEIRA, Gleise; TEÓFILO, Tony. Políticas culturais e seus agentes em tempo sombrios 2016-2022. In: COLLING, Leandro; SAMPAIO, Adriano (orgs.). *A cultura em tempos sombrios*. Salvador: Edufba, 2022. p. 11-42.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; VILUTIS, Luana; OLIVEIRA, Gleise Cristiane Ferreira de. Gestão cultural nos próximos dez anos. *Revista Extraprensa*, v. 14, n. 2, p. 9-26, 2021.

RUBIM, Linda (org.). *Organização e produção da cultura*. Salvador: Edufba, 2005.

RUBIM, Linda; VEIRA, Mariella; SOUZA, Delmira (orgs.). *Enecult 10 anos*. Salvador: EDUFBA, 2014.

VICH, Victor. *Desculturalizar la cultura: La gestión cultural como forma de acción política*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

VIEIRA, Mariella Pitombo *et al.* O perfil dos estudos sobre políticas culturais a partir do Enecult. *Anais do XII ENECULT*. Salvador: UFBA, 2016.

VIEIRA, Mariella Pitombo; BARBOSA, Frederico; NASCIMENTO, Leonardo F.; SOUZA, Laercio. Intérpretes e produções sobre políticas culturais no Brasil: a radiografia de uma elite hegemônica. In: COSTA, Leonardo; ROCHA, Renata (orgs.). *Cultura e Ciência de Dados*. Salvador: Edufba, 2021, p. 107-135.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. *Estudos avançados*, 1992, p. 95-106.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.*, vol.17, n.39, p. 203-219, 2017

SOUZA, Delmira Nunes. *O ENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura e suas contribuições para os estudos no campo da cultura na Universidade Federal da Bahia*. Monografia (Especialização em Gestão de Processos Universitários) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

VITALE, Ida. *Não sonhar flores*. Rio de Janeiro: Editora Roça Nova, 2020.